

Epidemia pandémica: quando o que acontece dá que pensar

António de Castro Caeiro

22 de Abril 2020.

O que quer que aconteça na vida não se reduz nunca ao facto do seu acontecer. Um facto nunca é simples. Não pode ser reduzido ao tempo que demora a ocorrer, quando tem lugar. Os dados objectivos quando podem ser apurados, pelas mais diversas ciências que estudam a realidade não esgotam nunca a realidade. A epidemia pandémica provocada pelo novo Corona vírus não é excepção. A nossa ignorância da Covid-19 vai muito mais além dos factores retardadores para a invenção da vacina que há-de curar a doença. Mas o que esta situação toda em que caímos nos veio a dar a conhecer da nossa própria vida, ultrapassa também o domínio de qualquer disciplina científica exacta e rigorosa. Atesta as teses mais elementares da filosofia ocidental. Numa formulação possível diz a filosofia que o que acontece é “compreensível” numa outra dimensão que excede a da própria realidade. Isto quer dizer que, mesmo que conseguíssemos saber tudo sobre a realidade dos factos ou sobre a totalidade da realidade em que os factos estão envolvidos, tudo o que nos acontece dá-nos que pensar para lá da dimensão mais ou menos óbvia no interior da qual se manifesta.

Tudo o que acontece tem um impacto nas nossas vidas. Os acontecimentos importantes das nossas vidas têm impactos maiores nas nossas vidas. Mudam as nossas vidas para melhor ou para pior, causam sofrimento ou dão-nos alegria. Fazem-nos perceber a nossa relação com o tempo de uma forma inegável. O que nos foi acontecer não tem apenas o conteúdo específico do que acontece: um vírus que se propaga por toda a humanidade à escala planetária. Afecta o modo como temos levado as nossas vidas, como a vida tem corrido, como temos sido, como o nosso ser individual e colectivo tem estado a ser, a manifestar-se ou a esconder-se. Dizemos que as coisas estão a ir bem ou mal, correm bem ou mal, não estão a ir nada bem ou estão a ir muito bem. O ser da vida é interpretado como um movimento, não como uma deslocação no espaço, mas como uma mudança que se revela como alteração mas também pode deixar as coisas aparentemente inalteráveis. “Ir”, “correr” exprimem “ser”, até “estar”, e “viver”. A percepção que temos do modo como as

coisas estão a ir ou a correr resulta de uma abertura em que já nos encontramos, feita para nós e não de qualquer reflexão que tenha de ser operada para vermos como estamos ou como nos achamos e encontramos. Para nos acharmos ou nos encontrarmos a ir ou que as coisas decorrem, correm ou estão a ir de uma determinada maneira é necessária uma compreensão uma inteligibilidade que acede às coisas e a nós e ao modo de nos relacionarmos com as coisas que acompanha o nosso ir com ir delas.

Uma epidemia pandémica é compreendida como um acontecimento que vem contra nós, que se abate sobre nós. Há uma resistência à forma como o decurso das coisas se tem processado. Há uma força generalizada, universal de bloqueio. Para tudo. Tudo fica em suspenso. A adversidade é a experiência que se faz de todo o tempo ser visto como um tempo vivido debaixo de uma ameaça iminente como em tempo de guerra ou em tempo de crise, agora em tempo de doença. Como todas as grandes crises que ameaçam a humanidade o que percebemos é a definição do horizonte em que temos vivido aparentemente sem confinamento nem limites temporais passa agora a ter confinamento temporal. O que também se pode compreender retrospectivamente é que a situação em que nos encontrávamos pré declaração da epidemia pandémica não era diferente da situação em que nos encontramos depois de ela ter sido declarada. A diferença é que a declaração da epidemia pandémica agudiza a lucidez humana ao ponto de a fazer compreender a natureza da situação extrema e radical que o ser humano ocupa no acontecer, no ser a ser total de tudo. Mas isso é outro ponto.

A epidemia pandémica é uma adversidade, vem contra nós, não é um contratempo ou uma contrariedade que nos faz perder tempo um tempo que possa ser recuperado no decurso de uma manhã, de um dia ou de uma semana. Contamos habitualmente com perdas de tempo. Nem tão pouco a contrariedade é circunscrita de tal forma que podemos fazer outras coisas e não ficar preso de uma única. A contrariedade é maciça. Está presente a todas as horas do dia. Não me acontece só a mim. Não vai ser resolvida nas próximas horas. A sua resolução não depende de mim.

O caracter geral da perda de tempo da epidemia pandémica, não circunscrição à perda de tempo localizada num tempo específico por perda de um tempo: uma aula, um treino, um

meio de transporte, um programa de TV, nem tão pouco o somatório de todos os conteúdos que perdemos: aulas, treinos, meios de transporte, tudo o que perdemos por estarmos em casa e não na rua. O fecho do tempo anula a possibilidade geral de encontro com esses conteúdos. Mais há um horizonte de adversidade que define o confinamento temporal no interior do qual o que quer que seja que aconteça está embargado, está sob custódia, nas mãos da epidemia pandémica até nova ordem.

Depois, não me acontece só a mim. Acontece a todos os que me estão próximos. Os outros que me estão próximos têm as vidas embargadas. Se estão no estrangeiro não voltam se estão no país e vivem no estrangeiro não regressam à procedência, ficam onde estavam sem poder fazer nada contra. Ficam condicionados. Os outros têm as vidas embargadas e nós convivemos uns com os outros com as vidas embargadas. Aprendemos com a experiência o que isso quer dizer. Mas há uma definição de embargo a condicionar os embargos individuais com consequências diferentes e impactos de gravidade diversa para cada pessoa.

Não vai ser resolvido nas próximas horas. Todos estamos reféns. Não de raptos num banco à espera que nos resgatem mas da vida inteira no mundo inteiro à espera de sermos resgatados. A metáfora do refém, do raptor, do resgate, do libertador. Só que aqui não há nem raptor a não ser quem ou o quê, a vida o ser, que criou um vírus e o deixou à solta, mas não está a pedir nenhum resgate e indiscriminadamente ataca quem quer que seja. Não tem alvos preferenciais. Quem liberta? O ser da vida também liberta: aniquila, extirpa, o próprio vírus que ele criou? Usa o ser humano, o investigador, o médico, como inventor da cura? A relação com o tempo indefinido da duração do perigo trabalha-nos os nervos.

A epidemia pandémica é a possibilidade, vem do futuro. Toda a ameaça vem do futuro, como a promessa da cura vem do futuro. Precisamos da história da doença, da localização do seu nascimento, da história da sua propagação, da sua geografia, como se estivéssemos a descrever um ser ou um exército. Mas é para antecipar os seus passos, para saber onde vai dar, onde vai aparecer, para podermos surpreender e atacar o seu surgimento. Lidamos com uma possibilidade que é um perigo iminente que nos ameaça colectivamente com essa

ameaça temos uma relação de promessa que nasce da possibilidade de matar essa mesma ameaça a partir do seu interior: uma vacina que mate o vírus.

É do ser que vem a verdade. É do ser que se descobre a verdade. O ser verifica. O ser abre-se-nos a nós. O ser é. O ser do ser é revelação.

Uma epidemia pandémica surge como “adversidade”, “contratempo”, “atraso de vida”. A característica de impedimento ou resistência oferecida a uma existência vivida, individual e comunitária, livre e desimpedida é metafísica, excede os dados da realidade. E, contudo, é o que nos está mais próximo.

O nosso elemento é a vida em que desde sempre nos encontramos a nós bem e mal, a ir indo. Achamo-nos sempre já de um determinado modo, deste ou daquele, de uma maneira ou de outra, quando sofremos contrariedades e reveses ou quando a vida nos corre de feição.

Por isso, tudo quanto nos acontece é interpretado como tendo não apenas dados factuais reais objectivos: onde, quando, a quem, como, as características que permitem perceber se “corre, correu ou correrá *bem ou mal*” e o que se quer dizer com isso é que decorre no tempo e que o que decorre no tempo passa com facilidade ou dificuldade, veloz ou lentamente, ainda que as velocidades sejam as da mudança e não as da locomoção. E nem sempre temos uma percepção de que as coisas correm, muito menos que correm bem ou mal. É na mudança que temos percepção de como as coisas “têm estado paradas” ou como “tinha de acontecer alguma coisa para pararmos”.

A nossa relação com o tempo é inexorável. É, contudo, nos momentos em que a vida no seu todo se atravessa e nos bloqueia o caminho, ainda que o tempo continue a passar— e é por isso que percebemos a aflição do momento: o tempo passa e nós estamos especados no momento— não conseguimos atirar-nos para o momento futuro, quando a crise já tiver passado e tudo estiver bem.

A situação em que nos encontramos de epidemia pandémica provocada pelo novo Corona Vírus é extrema e radical e dá que pensar. Com ela revela-se o modo de ser da vida humana na sua precariedade, a sua capacidade de escapar ao nosso controlo, a sua inexorabilidade. Por outro, compreendemos que qualquer circunstância em que o ser humano se veja envolvido revela-lhe como é consigo. A própria situação dá-nos “recados” que nos obrigam a tentar compreender o que está a passar-se não apenas do ponto de vista técnico e sanitário mas para a totalidade das nossas vidas, para o modo como temos de viver individual e colectivamente.

O ente vírus é uma realidade microscópica, está vivo, instala-se num ser humano que usa como hóspede e agente patogénico, espalha-se por um contágio claramente identificado, à velocidade da luz sobre o planeta. A ciência “sabe” muito sobre ele. Precisamos que saiba ainda mais sobre ele para o atacar. E há-de descobrir a cura. Até lá sabe que medidas há a tomar para o conter, que políticas sociais são eficazes e estão a ser postas em prática.

Mas a realidade para a vida das pessoas excede completamente os factos, por assim dizer. A doença não é apenas o sintoma físico, nem psicológico ou mental. Não é apenas o paciente, obviamente, que é atingido de frente na sua vida, nem os seus familiares e amigos, mas aqueles com os quais esteve em contacto no período de tempo em que a janela para o contágio esteve aberta e o perigo esteve à solta. O que acontece excede e ultrapassa o que de facto acontece. É a própria possibilidade de acontecer, portanto, do que não aconteceu ainda, do que pode nem sequer acontecer, que está a “criar” a realidade.

É de possibilidade que estamos a falar. E uma possibilidade não é uma realidade. Mas é a possibilidade que está instalada agora nas nossas vidas e com uma eficácia total. Está nos telejornais. Está nas nossas vidas desde que acordamos até que adormecemos, em todos os nossos gestos, em todas as nossas acções, palavras, omissões. É o plano de fundo das nossas vidas.

A possibilidade é a estrutura inteligível que importa detectar, a que importa aceder, que cumpre descobrir. Por outro lado, como tudo o que acontece ao ser humano, a situação em que nos encontramos revela-nos características do seu próprio ser, dá-nos a entender como

é, ao que vem, como se fosse “uma pessoa”, com a sua maneira de ser, com a sua verdade. O que acontece dá que pensar e obriga a pensar porque a sua presença não se esgota no enigma do que não conhecemos por comparação com os dados conhecidos.

O vírus enquanto agente da epidemia pandémica é o agente patogénico que obriga a pensar na situação em que nos encontramos com contornos globais, sem precedentes, não apenas porque são à escala planetária, ou porque têm consequências imediatas para os próximos meses nas vidas das pessoas, do ponto de vista da saúde e financeiro, mas porque a situação precária obriga a um estado de interrogação contínua e de preocupação generalizada com a vida.

Todas as situações em que nos encontramos com um impacto total sobre as nossas vidas revelam um sentido que nos obriga a procurar uma resposta para elas como se elas nos aparecessem com uma data de perguntas por responder. E a nossa vida depende das respostas a essas questões, queremos resolvê-las, queremos saber porque nos aconteceu a nós e agora. Não se trata de respostas a perguntas teóricas, óbvias, como o que está na origem do vírus, de onde vem, como se espalha, como é curado, como pode ser prevenido. Nem apenas se trata de respostas a questões de teor pragmático mas premente sobre insolvências financeiras, desemprego, crises financeiras, alteração do modo de vida. A situação em que nos encontramos põe em causa toda a nossa vida: como temos vivido, aquilo a que damos importância, as escolhas que temos feito.

O que nos acontece, atinge-nos de uma forma tão severa a nós próprios, que temos de falar na primeira pessoa do singular. Atinge-me a mim tanto, que é de mim que se trata, que é de cada um de nós na sua vida que se trata, a respeito do modo como eu tenho levado a vida, a respeito do que tem sido a minha vida, a tua, a nossa, a minha relação com os outros, contigo, a tua comigo, e fundamentalmente, porque se trata de uma luta, mais do que de sobrevivência, mas pela afirmação da vida: que futuro será o meu, o teu, o nosso?

O que quer que acontece com a gravidade de uma epidemia pandémica atinge o coração da existência de toda a humanidade e põe em causa o sentido do modo como temos levado a vida, revela a importância das escolhas que temos feitos, o sentido de todos os nossos

comportamentos e de todas as nossas acções, a maneira como temos tratados os outros, como nos posicionamos em geral na vida, a nossa própria relação connosco, com o nosso si mesmo.

Todas as questões que se levantam a partir da situação em que caímos excedem o domínio médico, mas são efectivas, são actuais, são perguntas que nós fazemos a nós próprios mas são também perguntas que a própria situação nos faz a partir do seu próprio interior, como se a epidemia pandémica fosse uma entidade e trouxesse com a sua presença outras entidades, outras personalidades, a própria vida, o próprio horizonte temporal em que a nossa vida decorre.

É a situação das situações, a vida, que pergunta como a temos levado, como temos vivido, como temos sido. A vida só aparece quando é ameaçada e com este índice totalizante. Se não restar nenhum ser humano em que a vida aconteça, se não houver mais nenhum ser humano para ser portador da vida, o que acontece? Para onde irá a vida?

O que acontece dá que pensar. O acontecer não é só o decorrer dos factos numa cronologia. O acontecer despega-se da vida. É a vida a ser. O ser da vida manifesta-se de uma forma extrema e radical em epidemias pandémicas, sobretudo quando elas não se instalam em zonas distantes do globo, em povos exóticos, mas é a nós que nos acontecem. O ser revela-se. Há uma verdade que põe a nu, que dá a descobrir. Tudo o que nos acontece está cheio de significado, obriga a que pensemos no que nos está a acontecer, não para produzir teoria, nem para passar o tempo, mas porque é vital, porque o ser humano é fundamentalmente metafísico nas suas entranhas.

Na raiz das palavras pandemia e epidemia está a palavra grega para “dêmos” que quer dizer originalmente distrito e país, mas depois obtém o sentido das pessoas que habitam esses locais, portanto, os habitantes, o povo. O verbo epidêmeô quer simplesmente estar em casa ou viver em casa. Opõe-se por isso a apodêmeô, estar ausente, por exemplo, de visita ao estrangeiro. O adjectivo “Epidêmios” na acepção contemporânea do termo é atestado no corpus hipocrático e em Galeno. Refere-se a uma doença que se fixa numa comunidade. Portanto, não acomete um indivíduo apenas, nem uma casa, como quando uma família fica

“de molho”, porque um membro “apanhou” uma gripe e acabou por “pegar” todos os membros de uma família. Aqui a doença é uma entidade que existe fora de portas, é levada para casa, sem dúvida, mas é também exportada, existe nos lugares públicos, não “faz acepção de pessoas”, não segrega ninguém, nem velhos nem novos, nem mulheres nem homens. Atinge toda a gente.

A doença como entidade num acontecimento epidémico solta-se a partir da sua origem, não se sabe onde está, como ser identificada, controlada, extirpada. Pode até adormecer para acordar, sem que ninguém saiba. É uma entidade metafísica sem que possa ser detectada à vista desarmada.

Tucídides usa o advérbio “pandêmi” para referir um exército que marcha com todo o seu poder, com todo o seu contingente, nacionais e aliados, que avança “em massa” ou “como um só corpo”. Galeno usa o termo no contexto médico para descrever uma doença com um poder de contaminação fulminante capaz de alastrar rapidamente a toda uma população. As descrições antigas de como a guerra se declara e acontece são em tudo semelhantes ao acometimento de uma doença. Em ambos os casos estamos perante um fenómeno de ataque, um acometimento.

O que importa referir é que a qualificação “pandémica” designa um fenómeno capaz de se estender a uma população inteira. Na verdade, não tem constrangimentos geográficos e nesse sentido, pode abranger a totalidade da população mundial. O “povo” é a humanidade sem excepção. Isso quer dizer que os fenómenos pandémicos não fazem “acepção de pessoa”, não discriminam. Não quer dizer que a selecção seja positiva, quando habitualmente pensamos a segregação como uma selecção negativa, opomos a preferência ao preterimento. Quando uma pandemia acontece a humanidade inteira sem excepção fica vulnerável e está exposta à possibilidade de contacto, de contaminação. Tem de aceitar inexoravelmente todas as consequências para a sua vida num “encontro” com a pandemia em que não houve qualquer espécie de conversações. A pandemia impõe a sua posição, aleatória, arbitrária, a todo o ser humano sem excepção. Revela-se como uma possibilidade real, eficaz, um perigo real, iminente.

Assim o alistamento no exército e as medidas de prevenção são dispositivos de protecção e ataque a possibilidade destruidoras do humano: a guerra e a doença. A pandemia é personificada como uma “coisa má”, generalizando o que referimos como “mau” no nosso idioma a uma “doença má”. A pandemia anula qualquer forma de discriminação, não há faixa etária, diferença de sexo ou etnia: orientação sexual, credo, classe, poder económico, educação. A pandemia é politicamente correcta e, ainda assim, altamente mortal. As duas formas de acontecimento são a guerra e a doença, fenómenos portadores de miséria, criadores de desgraça, portadores de esvaziamento de sentido. O poder da negatividade da guerra e da doença é mortal. O poder destrutivo dos fenómenos pandémicos é total.

O poder destrutivo da pandemia não deixa de reconhecer que há casos em que se verifica imunidade, excepções à regra. Há populações inteiras dizimadas, mas tem havido sobreviventes. A existência ainda da humanidade prova a capacidade de resistência que ofereceu no passado para ter sobrevivido ao holocausto da doença e da guerra. Mas o ser da pandemia não se reduz à realidade dos casos. O seu poder radica na sua possibilidade. Temos contado os mortos em Itália, Espanha e Portugal, como baixas de guerra, ao fim do dia. Mas quando começa o dia, a cada novo dia, é a possibilidade que enfrentamos. E a possibilidade não é “académica”. É real. Alguém não vai sobreviver. Alguém não sobreviverá. Pessoas sobreviverão. Pessoas não sobreviverão.

Cada um saberá nas circunstâncias concretas da sua vida pessoal como profissional de saúde ou como membro de uma família: pai e mãe, avós, filhos e netos, familiares em geral “o que custa” essa espera, esse não saber, essa experiência vivida quando as coisas se tornam difíceis, quase impossíveis, para se tornarem impossíveis. A morte traz o não o ser, desliga tudo, desfaz tudo, tudo torna simplesmente impossível. O que a pandemia cria é a possibilidade iminente da destruição de tudo. A pandemia como possibilidade cobre todas as acções do nosso dia-a-dia. Os gestos e práticas do dia a dia não são feitos da mesma maneira: distanciamento social, atenção total dada à higiene, vigilância atenta a todas as nossas interacções, atenção dada aos media, vivência em tensão relativamente ao futuro imediato e com preocupação com o que pode acontecer nas próximas horas, dias, semanas, meses até.

A pandemia é um fenómeno que a filosofia caracteriza como efectivo. A pandemia existe. Sabe-se a sua origem médica e como o vírus se propaga, mas estamos a lidar com uma entidade, com um “objecto”, com um “ente” indetectável a olhos nus. O vírus é uma palavra decalcada do latim e quer dizer veneno. Como todo o veneno não é percebido na sua forma letal. O poder letal da pandemia é eficaz, mata mesmo. É esse poder que já deu mostras que está também a “fazer o seu nome”, a “dar-lhe reputação”, “má fama”. O poder de destruição está instalado, atestam-no os números das baixas.

Mas o poder de destruição vem do futuro. É por isso que falamos continuamente do que vai acontecer nas próximas horas, mantemo-nos vigilantes em todas as nossas acções do quotidiano, prestamos atenção a espirros, tosse, inspeccionamos o modo como respiramos, se estamos febris, damos atenção aos sintomas do vírus corona ou da doença Covid-19 para podermos actuar e protegermos assim os outros de nós próprios ou nós dos outros.

A vida quotidiana muda quando estamos expostos a uma pandemia. A pandemia é uma manifestação de totalidade, alastra à população mundial, a sua actuação resulta da possibilidade, o perigo que constitui é real. A nossa vida passa a estar virada para a expectativa do futuro iminente, deixamos de viver à espera do que a vida dará, no entorpecimento provocado pelo ramerame das horas de todos os dias.

Tudo passa a ser preocupante: a nossa saúde e a dos nossos, as nossas finanças, o bem estar social, percebemos que não apenas se nós não estivermos bem mas se os outros não estiverem bem, também nós não estaremos bem, se população em geral estiver mal, seremos arrastados em precipitação para esse abismo.

O que a pandemia deixa claro é que a situação em que nós nos encontramos, mesmo sem acesso aos media, é que a nossa relação com o exterior, a nossa relação com os outros, é total. Todos os outros são agentes possíveis de contaminação, os outros todos são agentes patogénicos potencialmente. Os outros todos são os nossos. Os outros todos são a população mundial. A totalidade da população mundial que excede inimaginavelmente as pessoas que conhecemos.

A nossa representação do planeta Terra altera-se em absoluto, não porque passamos a ver mais mapas do que víamos até agora, mas precisamente porque o espaço passa a ser visto a fechar-se sobre nós a partir do perímetro anelar traçado pela periferia mais ou menos indefinida que são os confins do vasto universo. E fecha-se sobre nós. A ameaça deixa de ser o espaço mais ou menos próximo em que o perigo é identificado como iminente e passa a ser todo o lado.

O perigo está em todo o lado, vem de todo o lado. Qualquer pessoa, qualquer lugar onde vamos, passa a estar envolvido no espaço líquido e estruturante da agência patogénica. Por outro lado, há um programa estabelecido para relações seguras com objectos e com os outros numa alteração sociológica e pragmática com as coisas: lavar as mãos, calçar luvas, pôr máscaras, respeitar distâncias, mas também não tocar pessoas para as cumprimentar, não abraçar, não apertar as mãos.

O espaço público passou a espaço privado, ninguém lá está ou só as autoridades ou algumas pessoas com salvo conduto. O espaço privado passa a ser o espaço habitado. Não há espaço público a não ser nas redes sociais. As pessoas deixaram de ser o que fazem e passaram a ter de ser a tempo inteiro quem são, sem máscaras, com o seu feitio, ao seu jeito. Passa a viver-se mais dentro de casa do que na rua, do que no trabalho, passa a conviver-se mais com as pessoas de casa do que com as pessoas com quem se trabalha.

Outra das características filosóficas da pandemia é compreendida pelo impacto devastador que tem na nossa vida pessoal e colectiva. É uma tragédia. Traz sofrimento. Ninguém fica ileso. Ninguém fica incólume. Todos se compreendem expostos à possibilidade submergirem na onda que é anunciada pelo risco pandémico.

A pandemia é adversidade, vem contra nós, é um atraso de vida, é sentida nos momentos iniciais do seu impacto ou nas horas logo a seguir à declaração do estado de emergência como uma onda absolutamente negativa, como tem sido descrita, um tsunami, que assoma o horizonte, está a formar-se, incha não apenas ao longo de toda a costa, vem do litoral, mas também do interior (vem de Espanha), vem do ar (fecham-se os aeroportos), vem da cidade (fecham-se os lugares públicos).

O tsunami é cada pessoa em potencial, a humanidade na sua totalidade, a onda forma-se ao pé de nós, cada pessoa é o tsunami, devastador, mortal, com um poder letal devastador. A nossa capacidade de resistência resulta eficaz apenas na criação da distância física entre nós e cada um dos outros.

A pandemia é assim um acontecimento que nos faz ficar vigilantes, anula a nossa distração habitual de como vivemos o dia a dia, a testemunhar cada presente vivido, obriga-nos a pensar no futuro, imediato, a cada instante, a vigiar cada uma das nossas acções como potencialmente perigosa, patogénica, obriga-nos também a pensar no futuro próximo semana a semana, dos próximos meses, na retoma da economia, do regresso à escolas, às nossas vidas.

A pandemia embarga-nos a nossa vida tal como habitualmente a vivemos, na relação com os outros, no uso dos nossos direitos e garantias vitais e existenciais. Tira-nos da rua e mete-nos em casa, isola-nos fisicamente dos outros, obriga-nos a ficar a sós connosco ou em convívio forçado com outros que podem nem ter sido escolhidos como pessoas com quem gostaríamos de ficar. Interrompe a vida profissional na pior das hipóteses, atira pessoas para o desemprego, traz preocupação e angústia, o medo para a vida das pessoas.

O que a pandemia traz não é só a doença espalhada pelo veneno do vírus. Como fenómeno humano dá que pensar. Tem a sua “verdade” por revelar, põe-nos em causa. A situação que provoca não é hermenêutica como os teóricos entendem a situação hermenêutica, mas corre paralela às nossas vidas: dá indicações de si, mostra como é connosco, como estamos, devemos e temos de nos comportar em face da situação connosco e com os outros, relativamente ao presente e ao futuro.

A pandemia como a doença e a guerra, como todas as manifestações negativas da vida, que dizem não, que nos proíbem de fazer o que fazíamos, que nos proíbem de estar com quem queremos às horas que quisermos, que fecha a economia e nos atira para casa, que nos proíbe de ir para a rua, para a praia, sair de casa, a pandemia nunca é “só” um fenómeno médico explicado ou não por uma sintomatologia, etologia, tratamento, morte ou cura.

Como toda a doença a doença pandémica é um acontecimento que dá que pensa, que revela como é connosco, como estamos, como nos encontramos, como somos, como vai ser e como não vai ser o nosso futuro, a partir dos dados que temos do presente, como o nosso passado pode revelar-se totalmente ineficaz, não conta e tudo terá de ser refeito de novo.

O impacto de totalidade reorientação, redireccionamento, focagem, compreensão do que é importante e do que não é importante, se temos o que necessitamos ou não, se somos o que fazemos ou fazemos o que somos, se a vida é desperdiçada com o que não tem significado nem importância, se viver a vida até ao limite, aprender com o passado, conectar historicamente com o passado, não é saudável. Não estamos sozinhos quer dizer temos as gerações passadas para nos ajudar com os relatos que nos deixaram como cartas do passado para os seus irmãos que agora somos. Do mesmo modo a nossa responsabilidade é com os nossos contemporâneos, os nossos contemporâneos são os mais velhos que há e os mais novos que há, os que estão a nascer e os que estão a morrer, os que ficarão, quando já cá não estivermos e temos de viver com se quiséssemos ter saudades da vida que temos, não porque é uma vida passada mas porque é uma vida que foi vivida a sério, esgotando as possibilidades não as que foram oferecidas de bandeja e estavam em saldo mas as que foram criadas na impossibilidade e no caos. O contraste com o fecho de possibilidades dramático e trágico: perda de emprego, perda de capacidade financeira, indisponibilização de possibilidades, resistência oferecida, doença e morte. Possibilidades que se estendem e articulam a partir da inteligibilidade pragmática, tecnológica, científica, artística, vital, existencial. Mudar de vida com a vida a mudar.

O que quer que acontece ao humano não se reduz nunca à explicação plausível científica. É isso que queremos. Não há dúvida. É isso que obteremos. Mas a situação abre-nos para uma dimensão em que a urgência sentida é de uma outra ordem, a pressão tem uma outra essência. O futuro que nos preocupa não é apenas de natureza financeira ou com a nossa saúde. O que nós percebemos é que nos preocupa o futuro porque é para o futuro que estamos virados mesmo que não nos apercebamos disso, quando aparentemente nada se passa ou tudo está garantido. É com o futuro dos outros que estamos preocupados, a partir dos dados concretos da sua exposição ao mal, à doença, à pobreza, às dificuldades da vida.

A escalada da violência na pandemia é sem precedentes precisamente porque, mesmo que nem toda a gente tenha uma percepção dessa possibilidade, o que está a verificar-se é um ataque maciço à humanidade. A humanidade está exposta na sua vulnerabilidade. Sabemos que vamos morrer, um dia, por agora não. O que a pandemia faz é revelar a possibilidade total da morte. A humanidade inteira vai morrer. Ainda, não, sem dúvida. Mas é a exposição a essa possibilidade o que está em causa. A possibilidade tem de ser encarada de uma forma séria. É o ataque ao coração da humanidade, o bloqueio à sua continuação, à população mundial, à humanidade como a população mundial no seu todo, viva na Terra ou em qualquer outro local, de que estamos a falar.

Os médicos antigos procuravam desenvolver um diagnóstico que ia para além da recolha dos dados visíveis, obtidos pela observação, pela percepção das circunstâncias actuais de um paciente. Parte do diagnóstico processa-se obviamente por uma conversa entre médico e paciente. O paciente tem de dizer como se sente. O médico tem de perceber o que lhe está a ser dito. Sem dúvida que podem não vir à fala, mas será com certeza já quando “o mal” alastrou por todo o corpo e o médico saberá o que tem de fazer ou se há ou não há já alguma coisa a fazer. O diagnóstico dos médicos antigos implicava o que podemos chamar um cruzamento dos diagnósticos longitudinal, diferencial e holístico. Uma doença é um “ser” dinâmico com uma história. Tem o seu momento de revelação, que pode não coincidir com o seu nascimento. Convivemos com a doença como quem convive com um inquilino indesejado. Os doentes crónicos sabem disso, estão habituados a conviver com crises, agudas, severas, mas também ligeiras, com paroxismos, convalescença, tratamento cura, medidas de prevenção e profilaxia. A doença estende-se ao longo do tempo como a vida humana se estende ao longo do tempo. A sua duração não é medida apenas em momentos de quantidade de tempo mas tem um perfil de qualidade altamente sofisticado. A curva da história clínica prova-o. Os antigos procuram saber a história da manifestação de uma doença, a quem aparece, se o paciente é novo ou velho, homem ou mulher, a que povo pertence. O diagnóstico é feito inserindo o paciente no seu meio-ambiente, como lemos em *Acerca dos Ares, águas e lugares*. São as estações do ano, as idades da vida, os ritmos circadianos, a nossa relação com a luz e a temperatura, por exemplo, as variações anímicas, tudo influencia a patogénese e a cura. Todo o diagnóstico é feito com vista a um prognóstico, a uma antecipação das etapas seguintes, a uma previsão do desfecho de linhas

de acção adoptadas, da vigilância que leva à interrupção de um tratamento e à substituição por outro, à tentativa de antecipação que percorre de antemão, ao prever e predizer, o que vai acontecer. Mesmo quando não se sabe, quando o médico está na mais absoluta ignorância, não está cego relativamente à forma e à natureza temporal da doença, ao seu desenvolvimento, à exponenciação destrutiva, diminuição até ao limiar da presença e depois desaparecimento, recidivas. Todo o diagnóstico pressupõe um prognóstico. A sincronização entre o diagnóstico e os sintomas quando existem ou a ausência de sintomas, a identificação da causa na etologia, a relação distante entre causa e sintoma não se esgota no presente, mas pressupõe desenvolvimentos ulteriores que se pretende antecipar. É para o futuro que o médico está virado, dirigido.

O diagnóstico da situação concreta em que cada um de nós se encontra nunca se esgota no relatório presente das actividades realizadas, do que se fez, é sempre em vista da detecção do que no que se fez ou faz há de consequências para as nossas vidas, como podemos abortar linhas de acção prejudiciais e começar a tomar medidas benéficas.

Mesmo numa situação pandémica de totalização do bloqueio ao modo como a vida em comunidade se tem feito até aqui, mesmo na aparente situação de implosão da nossa socialização, quando nos viramos para dentro, para os nossos, para nós, quando eu passo mais tempo comigo do que com qualquer outra pessoa, quando cada um de nós passa mais tempo a sós consigo do que com qualquer outra pessoa, não é por isso que haja um fecho do lugar dos outros ou que vedamos o acesso aos outros. Mesmo numa situação em que negamos o tempo para fazer o que habitualmente fazemos, interditamos as idas onde costumamos ir, proibimos de fazer o que normalmente fazemos, há uma compreensão de “adiamento” do tempo: agora não mas mais tarde. O fecho do tempo não é vivido para nós como se fosse para sempre. É um fecho vivido como num adiamento e nós mal podemos esperar por que possamos apropriar-nos de novo do tempo em que temos tempo.

A pandemia dá que pensar, não abstractamente, mas de forma concreta, não só no presente, mas a respeito do passado, de como vivemos e temos vivido a vida. E dá-nos a possibilidade de rever o modo como somos nós mesmos a viver a vida no seu todo, a antecipar futuro, a procurar saber como vai ser no futuro, a fazer a partir do interior de nós

próprios, do diagnóstico que somos obrigados a fazer na situação que se constituiu, um prognóstico, que traga uma possibilidade que abra, que possibilite.